

Produção Científica Acerca da Dor em Cuidados Paliativos: Contribuição da Enfermagem no Cenário Brasileiro

Scientific Production About Pain in Palliative Care: Nursing Contribution in The Brazilian Framework

Producción Científica Sobre el Dolor en Cuidados Paliativos: Contribución de la Enfermería en el Escenario Brasileño

Márcia Abath Aires de Barros^{1*}; Francilene Jane Rodrigues Pereira²; Marisaulina Wanderley Abrantes³; Gilmara Barboza da Silva⁴; Virgínia de Araújo Porto⁵; Mariana Albernaz Pinheiro de Carvalho⁶

Como citar este artigo:

Barros MAA, Pereira FJR, Abrantes MW, *et al.* Produção Científica Acerca da Dor em Cuidados Paliativos: Contribuição da Enfermagem no Cenário Brasileiro. Rev Fun Care Online.2020. jan./dez.; 12:744-750. DOI: <https://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.rpcfo.v12.9452>

ABSTRACT

Objective: The study's goal has been to characterize the national scientific production about pain in palliative care published by nurses. **Methods:** It is an integrative literature review. The bibliographic survey took place in June 2019 and publications from the last five years were included in the LILACS, BDENF and Medline databases. **Results:** A sample of 23 articles was obtained, most of them (78.26%) original articles that were published, almost all (60.86%), in LILACS in various regions of the country. Three thematic categories have been delimited: Prevalence of pain and treatment modalities in palliative care; Tools and pain assessment; and Perception of pain in palliative care. **Conclusion:** There was a high prevalence of pain among patients; association between pharmacological and complementary therapies as treatment modalities; scales that subsidize their evaluation by nursing professionals; and the existence of professionals with gaps in knowledge about the perception of pain.

Descriptors: Palliative care, Nursing, Pain, Oncology, Pain Management.

¹ Enfermeira. Mestre em Enfermagem. Enfermeira Assistencial do HULW.UFPB, João Pessoa-Paraíba- Brasil

² Enfermeira. Doutora em Modelos de Decisão em Saúde. Enfermeira Assistencial do HULW. UFPB, João Pessoa-Paraíba-Brasil.

³ Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Enfermeira Assistencial do HULW. UFPB, João Pessoa-Paraíba- Brasil.

⁴ Enfermeira. Mestre em Enfermagem. Enfermeira Assistencial do HULW.UFPB, João Pessoa-Paraíba-Brasil.

⁵ Enfermeira. Mestre em Ciências da Saúde. Enfermeira Assistencial do HULW. UFPB, João Pessoa-Paraíba-Brasil

⁶ Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professora Adjunto I da Universidade Federal de Campina Grande – campus Cuité - UFCG. Cuité – Paraíba - Brasil.

RESUMO

Objetivo: Caracterizar a produção científica nacional acerca da dor em cuidados paliativos publicados pelos Enfermeiros. **Métodos:** Utilizou-se, como delineamento do estudo, uma revisão integrativa da literatura. O levantamento bibliográfico ocorreu no mês de junho de 2019, sendo incluídas publicações dos últimos cinco anos nas bases de dados Lilacs, Bdenf e Medline. **Resultados:** Obteve-se uma amostra de 23 artigos, sendo a maior parte deles (78,26%) artigos originais que foram publicados, em sua maioria (60,86%), na Lilacs nas diversas regiões do país. Foram delimitadas três categorias temáticas: Prevalência da dor e modalidades de tratamento em cuidados paliativos; Ferramentas e avaliação da dor; e Percepção da dor em cuidados paliativos. **Conclusão:** Evidenciou-se alta prevalência de dor entre pacientes; associação entre terapias farmacológicas e complementares como modalidades de tratamento; escalas que subsidiam sua avaliação pelos profissionais da enfermagem e; existência de profissionais com lacunas no conhecimento sobre a percepção da dor.

Descritores: Cuidados Paliativos, Enfermagem, Dor, Oncologia, Manejo da dor.

RESUMEN

Objetivo: El propósito del trabajo es caracterizar la producción científica nacional sobre dolor en cuidados paliativos publicada por enfermeras. **Métodos:** Este estudio es una revisión integradora de la literatura. La investigación bibliográfica se realizó en junio de 2019, fueron incluídas las publicaciones de los últimos cinco años en las bases de datos LILACS, BDNF y Medline. **Resultados:** Se obtuvo una muestra de 23 artículos, la mayoría de ellos (78,26%) artículos originales que se publicaron, en su mayoría (60,86%), en LILACS en las diversas regiones del país. Se definieron tres categorías temáticas: prevalencia del dolor y modalidades de tratamiento en cuidados paliativos; Herramientas y evaluación del dolor; y Percepción del dolor en cuidados paliativos. **Conclusión:** Hubo una alta prevalencia de dolor entre los pacientes; asociación entre terapias farmacológicas y complementarias como modalidades de tratamiento; escalas que apoyan su evaluación por profesionales de enfermería y; existencia de profesionales con lagunas en el conocimiento sobre la percepción del dolor.

Descriptores: Cuidados paliativos, Enfermería, Dolor, Oncología, Manejo del dolor.

INTRODUÇÃO

O processo de adoecimento do ser humano revela profundas modificações na maneira de viver, especialmente quando ele se depara com o diagnóstico de uma doença ameaçadora à vida. Dentre essas patologias, destacam-se as neoplasias, as doenças neuro-degenerativas e as doenças crônicas progressivas, que podem atingir todas as faixas etárias, representando um desafio para os profissionais de saúde, dentre os quais o enfermeiro, que deve traçar o caminho em busca dos melhores recursos terapêuticos visando ao alívio do sofrimento humano em todas as suas dimensões.

Nesse cenário, a dor é o acometimento mais temido no enfrentamento da evolução da doença e do seu tratamento — tanto para pacientes, quanto para seus familiares.¹ Sua identificação, muitas vezes, é uma tradução subjetiva do sofrimento alheio, pois transcende a dor física localizada. O seu alívio, em todas as suas dimensões, é a base da proposta

dos Cuidados Paliativos, que permeiam a atuação de todos os profissionais da equipe multidisciplinar.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) conceitua cuidados paliativos, definindo-o como uma abordagem para a melhoria da qualidade de vida de pacientes e familiares que enfrentam uma doença ameaçadora da vida, através da prevenção e do alívio do sofrimento, identificação precoce e impecável, avaliação e tratamento da dor e outros problemas físicos, psicossociais e espirituais.²

A atenção que os profissionais de saúde devem ter para a dor em cuidados paliativos surge com a sua própria filosofia, que remonta à década de 1970, data em que foi publicado um estudo desenvolvido por Cicely Saunders em pacientes que receberam terapia eficaz para o controle da dor. A OMS também destaca este cuidado, elencando-o como o primeiro princípio dos cuidados paliativos, ressaltando “a promoção do alívio da dor e outros sintomas desagradáveis”, através de conhecimentos específicos para tratamentos farmacológicos e outras terapias que promovam a qualidade de vida desses pacientes.³ Entende-se, assim, que não há como dissociar o controle da dor e os cuidados paliativos.

Como definição conceitual, a Associação Internacional para o estudo da dor (IASP) a descreve como uma experiência sensorial e emocional desagradável, associada a uma lesão tecidual efetiva ou potencial ou descrita em termos desta lesão. Cicely Saunders, no entanto, abrange essa definição e retrata a dor em cuidados paliativos como sendo uma relação de caráter multidimensional em que as dores física, emocional, espiritual e social apresentam-se mutuamente, sendo reconhecida e difundida entre profissionais paliativistas, como Dor Total.⁴

As diretrizes voltadas para o manejo da dor, especialmente as vivenciadas por pacientes oncológicos ou portadores de doenças ameaçadoras da vida, recomendam uma avaliação mais abrangente, pois esse sintoma decorre de uma multiplicidade de fatores, os quais requerem intervenções diferentes.⁴⁻⁵ Nessa atenção, desde 1986, a OMS desenvolveu e publicou um guia de tratamento da dor conhecida como escada analgésica, a qual é utilizada como padrão mundial de analgesia farmacológica, necessitando, no entanto, de uma análise minuciosa para a condução terapêutica adequada para cada paciente.⁶

Diante disto, para que essas intervenções ocorram, é imperioso determinar a origem da dor, além de caracterizar sua intensidade e sua apresentação, que pode ser: nociceptiva — a qual se relaciona com a estimulação química ou física das terminações nervosas normais; neuropática — que é decorrente da lesão total ou parcial ou da alteração da função em qualquer parte do sistema nervoso periférico ou central, ou mista. Com este reconhecimento, os profissionais de saúde devem estabelecer as terapias que promovam o alívio, através da escolha do melhor fármaco e outras intervenções que se relacionem com o tipo de dor apresentada por esses pacientes.⁴⁻⁵

Nesta atenção, particularmente os profissionais da equipe de enfermagem, por participarem ativamente dos cuidados de pacientes, muitas vezes são os primeiros profissionais que identificam a dor e podem facilitar a comunicação junto à equipe de saúde, na busca de tratamentos e intervenções que promovam o seu alívio. Esta é uma das metas mais importantes, presente nas ações do enfermeiro que trabalha com pacientes em cuidados paliativos. É importante salientar que a cessação da dor promove diminuição do estresse do paciente e melhoria de sua qualidade de vida, fato que se reflete positivamente sobre as relações com seus familiares, cuidadores e equipe de saúde.⁷

Para implementação deste cuidado, no entanto, é necessário que o Enfermeiro se habilite nos conhecimentos acerca de conceitos, identificação e manejo da dor, para que possa contribuir, juntamente com os demais profissionais que compõem a equipe de cuidados paliativos, para um controle efetivo desse sintoma.⁷

Nesse contexto, desde 2002, o Ministério da Saúde lançou o Programa Nacional de assistência à dor e cuidados paliativos que descreve, entre seus objetivos, a disseminação de informações relevantes tanto para profissionais de saúde e pacientes quanto para familiares e população em geral relativamente a conceitos, evidências e publicações de pesquisas que abordam a temática da dor e as ações pertinentes no âmbito dos cuidados paliativos.⁸ Diante do exposto, esse estudo tem como objetivo caracterizar a produção científica nacional acerca da dor em cuidados paliativos publicados pelos Enfermeiros.

MÉTODOS

Utilizou-se, como delineamento do estudo, a revisão integrativa da literatura. O trajeto percorrido se desenvolveu respeitando as seguintes etapas: Identificação do tema e questão norteadora de pesquisa; Estabelecimento de critérios de inclusão e exclusão dos artigos; Coleta de dados e categorização dos estudos; Análise dos estudos incluídos; Discussão dos resultados, Síntese e apresentação da revisão.

Como questão norteadora para este estudo, interrogou-se: quais estudos publicados pela enfermagem brasileira versam sobre dor em cuidados paliativos e como eles se caracterizam? O levantamento bibliográfico ocorreu no período de Junho de 2019, nas bases de dados eletrônicas MEDLINE (Medical Literature Analysis and Retrieval System Online), LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde), e BDENF (Base de dados de Enfermagem) acessadas por meio da plataforma operacional Biblioteca Virtual em Saúde Pública (BVS/BIREME). A escolha pelas referidas bases de dados se deu por reunirem dados da literatura internacional destinados às áreas médicas e biomédicas, conterem publicações alusivas às ciências da saúde e aglutinarem dados bibliográficos

especializados na área de Enfermagem, respectivamente.

A revisão integrativa foi construída a partir da consulta dos descritores controlados junto ao Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) da Biblioteca Virtual em Saúde, representados por: “dor”, “cuidados paliativos”, “enfermagem” e “oncologia”, em conjunto com o não controlado “tratamento da dor”. Em seguida, a pesquisa foi realizada com base nas seguintes combinações envolvendo os descritores controlados e o operador booleano AND: a primeira, “dor” AND “cuidados paliativos” AND “enfermagem” e a segunda, “dor” AND “oncologia” AND “enfermagem”.

Para a coleta dos artigos foi elaborado um instrumento que compilou as seguintes informações: título do artigo, título do periódico, ano de publicação, natureza/tipo de estudo e local da pesquisa, de modo a contemplar o objeto investigado na perspectiva de atender à questão norteadora proposta nesta revisão integrativa. Para a seleção da amostra inicial, foram utilizados os critérios de inclusão: I) artigos indexados, II) publicados no idioma português, III) publicados nos últimos cinco anos e encontrados nas bases de dados LILACS, Medline e BDENF; IV) publicação em revistas nacionais e V) artigos de pesquisa de campo que fossem relevantes para o tema tendo, como critério de seleção, a dor em cuidados paliativos na perspectiva da equipe de enfermagem; e exclusão: I) artigos não disponíveis na íntegra, II) componentes de literatura cinzenta, como manuais e livros, III) artigos repetidos e IV) artigos de nota prévia.

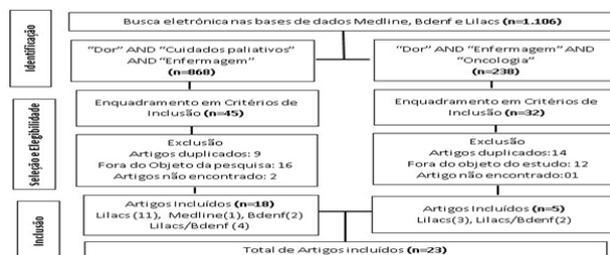


Figura 1- Fluxograma Prisma para a coleta de dados da pesquisa. João Pessoa, PB, Brasil, 2019

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Das duas combinações utilizadas, obtiveram-se 23 estudos que compõem esta revisão, os quais seguem elencados no Quadro abaixo.

Título	Primeiro Autor	Periódico/Ano	Tipo de Estudo	Local do Estudo
Resultados de enfermagem para avaliação da dor de pacientes em cuidados paliativos	Mello BS	REBEn/ 2019	Artigo Original	Porto Alegre-RS
Produção científica de enfermeiros brasileiros sobre enfermagem e oncologia: revisão narrativa da literatura	Rotim DS	Arq.Ciênc.Saúd e UNIPAR/ 2019	Revisão Narrativa da literatura	Cruz Alta-RS
Implementação da avaliação da dor como o quinto sinal vital	Castro CC de	Rev enferm UFPE on line/2018	Artigo Original	Belém- PA
A atenção do enfermeiro ao paciente em cuidado paliativo	Piccolo DP	Rev. Ciênc. Méd./ 2018	Revisão Integrativa	Caxias do Sul- RS
Cuidado paliativo oncológico: percepção dos cuidadores	Cunha AS	J. Health Biol Sci./ 2018	Artigo Original	Belém- PA
Cuidados paliativos em enfermagem ao idoso em UTI: uma revisão integrativa	Luiz MM	Cuidado é fundamental/2018	Revisão Integrativa	Juazeiro do Norte- CE
Cuidados paliativos ao idoso na terapia intensiva: olhar da equipe de enfermagem	Queiroz TA	Texto Contexto Enferm/ 2018	Artigo Original	Fortaleza-CE
Qualidade de vida relacionada à saúde de pacientes com câncer em cuidados paliativos	Freire MEM	Texto Contexto Enferm/ 2018	Artigo Original	João Pessoa- PB
Cuidados paliativos pediátricos: análise de estudos de enfermagem	Souza TCF	Rev enferm UFPE on line/2018	Revisão Bibliométrica	Belém- PA
Perfil dos atendimentos a pacientes oncológicos em uma unidade de pronto atendimento	Gonçalves MM	Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro/ 2018	Artigo Original	Belo Horizonte-MG
Ortotanásia nas unidades de terapia intensiva: percepção dos enfermeiros	Santana JC	Rev. bioét. (Impr.)/ 2017	Artigo Original	Belo Horizonte-MG
Obstinação terapêutica sob o referencial bioético da vulnerabilidade na prática da enfermagem	D'Arco C	O Mundo da Saúde/ 2016	Artigo Original	São Paulo-SP
Escala multidimensional na avaliação da dor e sintomas de idosos em cuidados paliativos	Faller JW	Cogitare Enferm./ 2016	Artigo Original	Foz do Iguaçu- PR
Atuação da equipe de enfermagem sob a ótica de familiares de pacientes em cuidados paliativos	Silva RS	REME/ 2016	Artigo Original	Vale do São Francisco-BA
Conhecimento de enfermeiros residentes sobre o manejo da dor oncológica: estudo transversal	Ferreira FS	Online braz j nurs/2016	Artigo Original	Rio de Janeiro- RJ
Condutas terapêuticas utilizadas no manejo da dor em oncologia	Pereira DTS	Cuidado é fundamental online/2015	Artigo Original	Campina Grande- PB
Percepções de enfermeiros e manejo da dor de pacientes oncológicos	Stuber M	Rev Min Enferm./ 2015	Artigo Original	Ijuí- RS
Diagnósticos de enfermagem identificados em pacientes onco-hematológicos: mapeamento cruzado	Sousa RM	Esc Anna Nery/ 2015	Artigo Original	Rio de Janeiro- RJ
Perfil dos pacientes oncológicos atendidos em uma unidade de emergência	Boaventura A	Ciencia Enfermeria/ 2015	Artigo Original	Campinas-SP
Intervenções Terapêuticas em Feridas Tumorais: Relato de Casos	Silva KRM	Revista Brasileira de Cancerologia / 2015	Relato de Caso	Brasília- DF
A utilização das terapias complementares nos cuidados paliativos: benefícios e finalidades	Caires JS	Cogitare Enferm. /2014	Artigo Original	Salvador-BA
Ocorrência da dor nos pacientes oncológicos em cuidado paliativo	Mendes TR	Acta Paul Enferm./ 2014	Artigo Original	Uberlândia-MG
Cuidados paliativos para dor originada da doença mineral óssea da insuficiência renal crônica	Silva FS	Cuidado é fundamental online/2014	Artigo Original	Natal- RN

Quadro I- Caracterização dos estudos selecionados, segundo título, autores, periódico/ano de publicação/base de dados e descritores. João Pessoa, PB, Brasil, 2019

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Caracterizando os artigos selecionados segundo o tipo de estudo, identificou-se que, dos 23 artigos, 18(78,26%) eram artigos originais, quatro (17,40%) artigos de revisão e um (4,34%) relato de caso. Esse maior percentual de artigos originais reflete, possivelmente, a ansiedade dos pesquisadores em observar *in loco*, como a temática está sendo tratada nas diferentes instituições.

Segundo o ano de publicação, foram selecionados de acordo com a ordem decrescente de publicação, de modo que se obteve o seguinte resultado quantitativo: dois

(2019); oito (2018); um (2017); quatro (2016); cinco (2015) e três (2014). Com relação à localização dos autores, 4 estudos foram realizados por pesquisadores do Rio Grande do Sul, três em cada um desses estados: Minas Gerais e Pará, seguidos por dois estudos em cada um dos seguintes estados: Ceará; Paraíba; São Paulo; Bahia; Rio de Janeiro. Ainda foi selecionado um estudo publicado no estado do Paraná, um no Rio Grande do Norte e um no Distrito Federal, demonstrando que a temática atrai o interesse de estudo nas diferentes regiões do país, aparecendo de forma mais discreta nas regiões norte e centro-oeste.

Diante da análise resultante dos artigos selecionados, extraíram-se alguns elementos com o fim de melhor sintetizar a temática, delimitando-se três categorias, a saber: Prevalência da dor e modalidades de tratamento em pacientes em cuidados paliativos; Ferramentas e Avaliação da dor; Percepção da dor em cuidados paliativos

Prevalência da dor e modalidades de tratamento em pacientes em cuidados paliativos

O levantamento das pesquisas científicas que compõem esse estudo aponta para a convergência de revisões que ressaltam a prevalência⁹⁻¹⁴ e modalidades de tratamento^{11;14-18}. Verifica-se que sua ocorrência é constante, e muitas vezes dramática, sendo considerada uma emergência médica devido ao forte impacto físico, psicológico e social que dela decorre.

Nesse contexto, um estudo realizado em 2015, numa unidade de emergência de um Hospital Universitário no interior de São Paulo, identificou que, dos 172 pacientes oncológicos atendidos, 143 (83,1%) sentiam dor.⁹ Outro estudo realizado com 315 pacientes com câncer atendidos no pronto atendimento de um hospital de grande porte no município de Belo Horizonte-MG também elencou a dor como a principal ocorrência, estando presente em 114 (36,2%) desses pacientes.¹⁰ Já outro estudo, que tinha como objetivo investigar a qualidade de vida de pacientes com câncer, avaliou os sintomas autorrelatados por 155 pacientes em instituições hospitalares do município de João Pessoa e identificou que a dor estava presente em 89,9% (n=127) desses.¹¹ Essa prevalência (90,1%) também ocorreu em idosos em cuidados paliativos acompanhados em domicílio (n=33), sendo sua ocorrência diária (60,61%) e contínua (48,49%).¹²

A dor também está presente nos cuidados paliativos nos portadores de doenças crônicas degenerativas. Estudo realizado em pacientes com doença mineral óssea da insuficiência renal crônica (n=35), evidenciou que 77,14% desses sentiam dor, sendo que 88,89% ocorria no início da sessão de hemodiálise, e 37,14% destes relatavam como insuportável a dor apresentada.¹³

Percebe-se que a dor representa o maior desafio enfrentado pelos pacientes que convivem com doenças ameaçadoras à vida. A dor física, uma vez identificada,

conduz a tratamentos estabelecidos, seja pela implementação de protocolos farmacológicos validados ou através de estratégias individualizadas e oferecidas por peritos de terapia adjuvantes. Nesse aspecto, a aplicação do conhecimento promovido pela competência de cada profissional se une ao objetivo maior de adicionar recursos no manejo da dor.

Em estudo abordando o controle da dor¹⁵, identificaram-se quatro pesquisas (40%) ressaltando que o alívio do sofrimento contribui para uma melhor qualidade de vida e que tal afirmativa independe da longevidade do paciente. Nesse mesmo contexto, outro estudo enfatiza que os profissionais de saúde que cuidam de pacientes oncológicos, especialmente na fase avançada da doença, na qual a dor se apresenta muitas vezes como insuportável, necessitam implementar a promoção imediata do alívio deste sintoma, devido ao intenso desconforto físico e psicológico que este quadro representa.¹¹

Em crianças e adolescentes, um estudo de revisão demonstra que são necessárias maiores pesquisas sobre o controle da dor voltadas para esse público. Destaca-se a importância da associação de terapias farmacológicas complementadas com atividades recreativas, como artes, leituras e músicas para o alívio da dor.¹⁶ Sendo assim, os enfermeiros que atuam na implementação de cuidados no tratamento da dor devem utilizar todos os recursos tecnológicos e científicos que estejam disponíveis, sendo necessário o conhecimento das modalidades farmacológicas e não farmacológicas.

Nesse contexto, em 2018, um estudo realizado em pacientes hospitalizados com câncer (n=50) numa unidade de referência teve, como objetivo, identificar as principais modalidades terapêuticas utilizadas pela equipe de enfermagem no tratamento da dor, e identificou que a implementação da terapia farmacológica seguiu a modalidade mais utilizada. Nessa intervenção, 46% dos pacientes com dor receberam apenas analgésicos e anti-inflamatórios, 44% tiveram que associar opioides fracos e 10%, opioides fortes, isolados ou combinados com adjuvantes farmacológicos. Quanto ao uso de terapia não farmacológica, apenas 32% dos pacientes utilizaram algum método complementar, de modo que a termoterapia (37,5%) e a massoterapia (31,3%) foram as técnicas mais utilizadas. Apenas 43,75%, no entanto, consideraram essas intervenções satisfatórias, ao passo que 88% desse grupo considerou, como mais eficaz, a terapia farmacológica.¹⁷

Noutro estudo, realizado em pacientes com câncer cadastrados em um programa de cuidado paliativo na cidade de Uberlândia-MG (n=56), demonstrou-se que 94,6% deles utilizavam algum tipo de analgésico. Ainda assim, pouco mais da metade dos participantes (53,71%) apresentaram algum tipo de dor, sendo a de forte intensidade (36,75%) a mais frequente, mesmo em uso de terapia farmacológica, o que foi associado, por esses pacientes, como fator indicativo de uma piora na qualidade de vida. Entre os fármacos

descritos, os opiáceos fortes e analgésicos adjuvantes foram os mais utilizados.¹⁴

O uso de tratamento não farmacológico surge, contudo, como um recurso adicional que pode ser empregado no cuidado aos pacientes com doenças ameaçadoras da vida. Nesse sentido, é importante ressaltar que, desde 2003, o Brasil regulamentou o uso das Terapias Complementares (TC), através da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), que autorizou 29 práticas no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Verifica-se que sua implementação vem sendo gradualmente introduzida na atenção à saúde, no entanto, um estudo realizado em instituições brasileiras cadastradas na Academia Nacional de Cuidados Paliativos (ANCP) identificou que apenas 25% destas a utilizam como parte do tratamento, das quais 83% utilizaram modalidades não farmacológicas como recursos adicionais para o alívio da dor. As TC mais utilizadas nesse estudo foram a musicoterapia (100%), seguida da massagem e da acupuntura (67%).¹⁸

Seguindo nessa temática, um estudo de revisão publicado em 2019 — que teve por objetivo identificar a produção da enfermagem brasileira na área de oncologia — categorizou, dentro dos 14 estudos que compuseram aquela narrativa, 8 artigos (57,14%) que versavam sobre a assistência de enfermagem nos pacientes em situação de dor. Nesta categoria, destaca-se o uso de terapias complementares em 37% desses. Foram descritas intervenções não farmacológicas como aplicação de calor e/ou frio, massagem manual, relaxamento e distração dirigida. Ainda nessa revisão, apresentou-se um estudo realizado com pacientes submetidos à quimioterapia, que fizeram uso de terapias complementares e que apresentam resultados positivos para o alívio da dor.¹⁹

O adequado manejo da dor deve conter diversos aliados terapêuticos. Uma única abordagem não se apresenta suficiente, muitas vezes, para tratar o sofrimento. Profissionais devem unir as evidências e construir outras novas. Nesse contexto, um estudo sobre intervenções musicais na assistência a pacientes com câncer — realizado em 2014, que não foi incluído nessa revisão, por não ter sido selecionado no escopo metodológico estabelecido — verificou que a utilização da música suave e familiar proporcionou um alívio significativo da dor oncológica em detrimento do tratamento que utilizou analgésicos isoladamente, de modo que se aconselhou os enfermeiros a oferecerem a analgesia complementar a pessoas com dor oncológica.²⁰

Ferramentas e Avaliação da dor

Para o reconhecimento da dor, a equipe de enfermagem deve utilizar ferramentas validadas para identificar a sua localização e intensidade. Nesta revisão, apresentam-se estudos^{1-2;11-12;19-23} que versam também sobre ferramentas e a avaliação da dor.

A dor se apresenta como um mecanismo de

comunicação visual e verbal entre pacientes e profissionais de saúde, para alertar a necessidade imediata de cuidado, pois interfere na qualidade de vida, especialmente daqueles que vivenciam a experiência de serem portadores de uma doença ameaçadora à vida. Na assistência de saúde, vem sendo considerada como o quinto sinal vital, sendo uma das principais preocupações da equipe de enfermagem seu efetivo controle, sobretudo quando se desenvolvem habilidades e conhecimentos para avaliar e dimensionar a dor.²

No entanto, um estudo aponta que apenas 52% dos enfermeiros realizam a avaliação junto com os demais sinais vitais e identificam a dor mediante a interpretação do olhar e da expressão facial do paciente e por meio de relatos verbais.^{19,21} Outro estudo realizado numa clínica de cuidados paliativos identificou que, mesmo sabendo a importância da implementação da avaliação da dor como constituinte dos sinais vitais, somente 57,16% dos enfermeiros a realizaram em um pouco menos da metade dos pacientes (47,37%).¹

Diante da complexidade do quadro de saúde de pacientes em cuidados paliativos, é imprescindível uma avaliação completa e sistemática da dor que esteja condicionada ao conhecimento científico e à habilidade do Enfermeiro. Nesse aspecto, a Nursing Outcomes Classification (NOC) se apresenta como um instrumento que pode nortear, com efetividade, as intervenções voltadas para os diagnósticos de Dor Aguda e Dor Crônica na prática clínica do alívio desse sintoma. Com esse objetivo, estudo recente realizado com enfermeiros especialistas em oncologia sugeriu 19 indicadores prioritários para a avaliação da dor, os quais norteiam condutas que esses profissionais deverão adotar a partir de uma definição conceitual, definição operacional e avaliação da resposta ao cuidado implementado.²²

Ao lidar com a evolução da doença e seu tratamento, a equipe de enfermagem busca, na excelência do cuidado que lhe compete, identificar as medidas que possam auxiliar no controle da dor; para isso, é necessária sua identificação com bastante acurácia. No estudo de caso em abordagens em feridas tumorais²³ foi utilizada a Escala Visual Analógica (EVA) antes e durante o tratamento com coberturas especiais para avaliar a intensidade da dor, estimulando os pacientes do estudo a descreverem a sensação dolorosa e sua localização. Apesar do avanço tecnológico, as diretrizes ainda recomendam essa escala como o melhor parâmetro para identificar a intensidade da dor.

A escala visual numérica foi descrita como instrumento de registro da dor como um sinal vital, sendo ponto de partida para a sistematização da assistência de enfermagem, de modo que serviu como parâmetro para a administração de analgésicos e sua eficácia.¹ Em outros 2 estudos que compõem essa revisão, foram utilizadas a Escala de Sintomas do EORTC QLQ-C30¹¹ e a Escala de Avaliação de Sintomas de Edmonton — ESAS-r.¹²

Percebe-se que a utilização de instrumentos é um

facilitador para o início de uma tradução do autorrelato da dor sentida pelos pacientes. A verdadeira escuta e observação de sinais de sofrimento físico é transformada em registro para a tomada de decisão do tratamento proposto que se baseia na intensidade da dor e na resposta à terapêutica já utilizada.

Percepção da dor em cuidados paliativos

A percepção da dor é o primeiro passo para a instituição de implementações que possam auxiliar no seu manejo no âmbito da atenção em cuidados paliativos. A capacitação e experiência com o tema são elementos que impulsionam este cuidado, sendo necessário que o processo de educação na área da dor se inicie com a própria formação profissional. No entanto, nessa revisão, foram identificadas pesquisas que refletem a lacuna existente na área. Um estudo com enfermeiros residentes em oncologia (n=22) identificou que 68,2% deles tinham um conhecimento inadequado sobre o manejo da dor no câncer.²⁴

Outro estudo realizado com enfermeiros que trabalhavam em unidade clínica oncológica que objetivou recolher informações sobre suas percepções ao lidar com a dor em pacientes com câncer, demonstrou que eles a percebem de várias formas, sendo ela expressa nas falas e no olhar, de modo que os profissionais identificam que, além da existência da dor física, existe uma dor emocional que também necessita ser abordada e tratada adequadamente.²¹

Enfermeiros intensivistas, por sua vez, reconhecem que é primordial o controle da dor tanto para os pacientes como para a família, aliviando o sofrimento quanto à aceitação do processo da morte e da terminalidade.²⁵

Um outro estudo, que investigou como os enfermeiros compreendem os cuidados paliativos em idosos internados na unidade de terapia intensiva (UTI), identificou que é um pré-requisito para prestar os cuidados paliativos com qualidade, a ênfase no alívio da dor e do sofrimento.²⁶ Nesse aspecto, estudo que avalia a percepção dos enfermeiros sobre o estabelecimento da ortotanásia nas UTI identifica que eles compreendem que, ao eleger cuidados paliativos, evitam-se maior dor e sofrimento nos pacientes, desde que seja expressa por sua vontade ou interpretação dela por um constituinte legal, através do testamento vital.²⁷

Em relação à percepção de cuidadores sobre a dor em doenças ameaçadoras à vida, um estudo publicado em 2018²⁸, identificou que a maioria desconhecia a terminologia “cuidados paliativos”, no entanto, uma pequena parte o associou ao alívio da dor e do sofrimento. Já outro estudo identificou que os cuidadores relatam que o momento mais doloroso e delicado do tratamento é a quimioterapia, tanto para o paciente quanto para os familiares.²⁹

CONCLUSÕES

A presente investigação possibilitou sintetizar o conhecimento acerca da dor em cuidados paliativos, levantando

dados relevantes quanto a sua prevalência, apresentando-se alta em estudos com pacientes oncológicos, idosos em cuidados paliativos e, portadores de doenças crônicas degenerativas; quanto a associação de terapias farmacológicas e não farmacológicas como modalidades de tratamento; quanto a existência de escalas validadas apontadas como ferramentas para sua avaliação proporcionando a identificação acertada e subsidiando a implementação do cuidado de enfermagem e ainda; quanto a sua percepção no âmbito dos cuidados paliativos apresentada, por vezes, de forma ampla entre os profissionais, mas também com presença de lacunas no conhecimento entre profissionais em formação e cuidadores.

Ressalta-se, ainda, a necessidade de novos estudos que abordem estratégias inovadoras de manejo da dor em cuidados paliativos, de modo que subsista um olhar equânime e acolhedor.

À medida que surge o conhecimento sobre o que vem sendo realizado para a identificação da dor e dos tratamentos implementados, profissionais, cuidadores, gestores de saúde e familiares mobilizam-se para proporcionar uma melhor qualidade de vida para pacientes acometidos por doenças ameaçadoras à vida. Torna-se sempre imperiosa uma abordagem multidisciplinar, de modo que este estudo consubstanciou-se numa breve contribuição voltada a verificar lacunas e evidências afetas ao manejo da dor.

REFERÊNCIAS

1. Castro CC, Bastos BR, Pereira AKS. Implementação da avaliação da dor como o quinto sinal vital. *Rev enferm UFPE on line*. 2018 [acesso em 25 jun 2019]; 12(11): 3009-14. Disponível em: [file:///C:/Users/Usuario/Downloads/236994-126239-1-PB%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Usuario/Downloads/236994-126239-1-PB%20(2).pdf)
2. Luiz MM, Netto JJM, Vasconcelos AKB, Brito MM. Cuidados paliativos em enfermagem ao idoso em UTI: uma revisão integrativa. *Rev Fund Care Online*. 2018 [acesso em 13 jun 2019]; 10(2): 585-592. Disponível em: [file:///C:/Users/Usuario/Downloads/5051-35486-1-PB%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Usuario/Downloads/5051-35486-1-PB%20(2).pdf)
3. Matsumoto DY. Cuidados Paliativos: conceito, fundamentos e princípios. In: Carvalho RT, Parsons HA, organizadores. *Manual de Cuidados Paliativos ANCP*. 2ª Edição. 2012
4. Hennemann-Krause L. Dor no fim da vida: avaliar para tratar. *Revista Hospital Universitário Pedro Ernesto*. 2012; 11(2): 26-31.
5. Wiermann EG, Diz MPE, Caponero R, Lages PSM, Araújo CZS, Bettega RTC et al. Consenso brasileiro sobre manejo da dor relacionada ao câncer. *Revista Brasileira de Oncologia Clínica*. 2014; 10(38):132-43.
6. Rangel O, Telles C. Tratamento da dor oncológica em cuidados paliativos. *Revista do Hospital Universitário Pedro Ernesto, UERJ*. 2012; abr/jun: 1-12.
7. Waterkemper R, Reibnitz KS. Cuidados paliativos: a avaliação da dor na percepção de enfermeiras. *Rev Gaúcha Enferm*. 2010; 31(1), 84-91.
8. BRASIL. Ministério da Saúde. Programa Nacional de Controle da Dor e Cuidados Paliativos. Portaria nº 19, 3 de janeiro, 2002.
9. Boaventura AP, Vedovato CA, Santos FF. Perfil dos pacientes oncológicos atendidos em uma unidade de emergência. *Ciência Y Enfermería*. 2015; XXI(2): 51-62.
10. Gonçalves MM, Guedes NAB, Matos SS, Tiapoli SP, Simino PR, Corrêa AR. Perfil dos atendimentos a pacientes oncológicos em uma unidade de pronto atendimento. *Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro*. 2018; 8:e2595.
11. Freire MEM, Costa SFG, Lima RAG, Sawada NO. Qualidade de Vida relacionada à saúde de pacientes com câncer em cuidados paliativos. *Texto contexto-enferm*. 2018; 27(2):e5420016.
12. Faller JW, Zilly A, Moura CB, Brusnicki PH. Escala Multidimensional na avaliação da dor e sintomas de idosos em cuidados paliativos. *Cogitare Enferm*. 2016; 21(2): 01-10.
13. Silva FS, Silva SYB, Pinheiro MGC, Pinheiro MSF, França RC, Simpson CA. Cuidados paliativos para dor originada da doença mineral óssea da insuficiência renal crônica. *Rev Fund Care Online*. 2014 [acesso em 20 jun 2019]; 6(2):767-775. Disponível em: [file:///C:/Users/Usuario/Downloads/3163-19409-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Usuario/Downloads/3163-19409-1-PB%20(1).pdf)
14. Mendes TR, Boaventura RP, Castro MC, Mendonça MA. Ocorrência da dor nos pacientes oncológicos em cuidado paliativo. *Acta Paul Enferm*. 2014; 27(4):356-61.
15. Picollo DP, Fachini M. A atenção do enfermeiro ao paciente em cuidado paliativo. *Rev Ciênc Med*. 2018;27(2):85-92.
16. Souza TCF, Correa Júnior AJS, Santana ME, Carvalho JN. Cuidados paliativos pediátricos: análise de estudos de enfermagem. *Rev enferm UFPE on line*. 2018 [acesso em 14 jul 2019]; 12(5):1409-22. Disponível em: [file:///C:/Users/Usuario/Downloads/231901-112269-1-PB%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/Usuario/Downloads/231901-112269-1-PB%20(3).pdf)
17. Pereira DTS, Andrade LL, Agra G, Costa MML. Condutas terapêuticas utilizadas no manejo da dor em oncologia. *Rev Fund Care Online*. 2015 [acesso em 14 jul 2019]; 7(1):1883-1890. Disponível em: [file:///C:/Users/Usuario/Downloads/3578-22632-1-PB%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Usuario/Downloads/3578-22632-1-PB%20(2).pdf)
18. Caires JS, Andrade TA, Amaral JB, Calasans MTA, Rocha MDS. A utilização das terapias complementares nos cuidados paliativos: benefícios e finalidades. *Cogitare Enferm*. 2014; 19(3):514-20.
19. Rolim DS, Arboit EL, Kaefer CT, Marisco NS, Ely CZ, Arboit J. Produção científica de enfermeiros brasileiros sobre enfermagem e oncologia: revisão narrativa da literatura. *Arq. Cienc. Saúde UNIPAR*. 2019; 23(1): 41-47.
20. Silva VA, Leão ER, Silva MJP. Assessment of quality of scientific evidence on musical interventions in caring for cancer patients. *Interface (Botucatu)*. 2014; 18(50):479-92.
21. Stube M, Cruz CT, Benetti ERR, Gomes JS, Stuman EMF. Percepções de enfermeiros e manejo da dor de pacientes oncológicos. *Rev Min Enferm*. 2015; 19(3): 696-70.
22. Mello BS, Almeida MA, Pruinelli L, Lucena AF. Resultados de enfermagem para avaliação da dor de pacientes em cuidado paliativo. *Rev Bras Enferm*. 2019;72(1):64-72.
23. Silva KRM, Bontempo PSM, Reis PED, Vasques CI, Gomes IP, Simino GPR. Intervenções terapêuticas em feridas tumorais: relato de casos. *Revista Brasileira de Cancerologia* 2015; 61(4): 373-379.
24. Ferreira FS, Santos J, Meira KC. Conhecimento de enfermeiros residentes sobre o manejo da dor oncológica: estudo transversal. *Online braz j nurs*. 2016 [acesso em 14 jul 2019]; 15(4):694-703. Disponível em: [file:///C:/Users/Usuario/Downloads/5439-31134-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Usuario/Downloads/5439-31134-1-PB%20(1).pdf)
25. D'Arco C, Ferrari CMM, Carvalho LVB, Priel MR, Pereira LL. Obstinação terapêutica sob o referencial bioético da vulnerabilidade na prática da enfermagem. *O Mundo da Saúde*. 2016;40(3):382-389.
26. Queiroz TA, Ribeiro ACM, Guedes MVC, Coutinho DTR, Galiza FT, Freitas MC. Cuidados paliativos ao idoso na terapia intensiva: olhar da equipe de enfermagem. *Texto contexto -enferm*, 2018; 27(1):e1420016.
27. Santana JCB, Dutra BS, Carlos JMM, Barros JKA. Ortotanásia nas unidades de terapia intensiva: percepção dos enfermeiros. *Rev. bioét*. 2017; 25(1): 158-67.
28. Cunha AS, Pitombeira JS, Panzetti TMN. Cuidado paliativo oncológico: percepção de cuidadores. *J. Health Biol Sci*. 2018; 6(4):383-390.
29. Silva RS, Santos RD, Evangelista CLS, Marinho CLA, Lira GG, Andrade MS. Atuação da equipe de enfermagem sob a ótica de familiares de pacientes em cuidados paliativos. *REME – Rev Min Enferm*. 2016; 20:e983.

Recebido em: 04/02/2019

Revisões requeridas: 27/11/2019

Aprovado em: 07/02/2020

Publicado em: 05/06/2020

***Autor Correspondente:**

Márcia Abath Aires de Barros

Rua Coronel Miguel Sátiro, 30, apto. 1502

Cabo Branco, João Pessoa, PB, Brasil

E-mail: marciabath@gmail.com

CEP: 58045-110